

O que está faltando e por onde devemos avançar para trabalhar o S do ESG?

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Além de tirá-lo da sombra do aspecto E, as empresas e fundos precisam debater o S sob os ângulos que mais importam para a melhoria da nossa sociedade

Para introduzir o assunto, vale começarmos com dados que orientam o nosso olhar sobre o S do ESG:

No Brasil, 1% da população adulta detém 28% da renda, e 10% tem 55,5%. Para os 50% mais pobres, sobram 13%.

O Brasil é o 7º país mais desigual do mundo, atrás apenas de nações africanas.

47% dos brasileiros não têm acesso a sistemas de esgotamento sanitário e 16%, à água tratada.

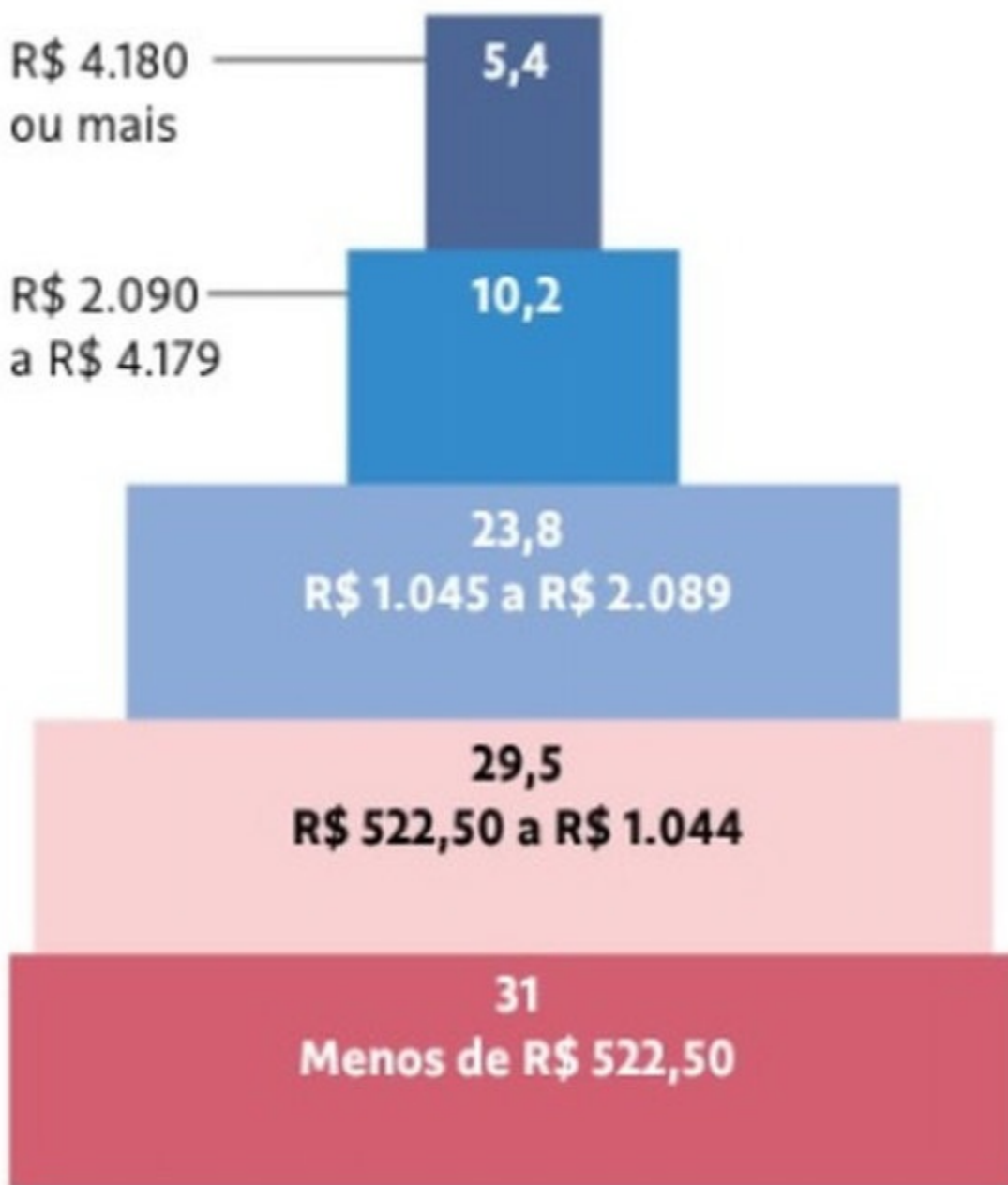
Em São Paulo, cidade mais rica do Brasil, a diferença de expectativa de vida entre dois bairros chega a 14 anos.

A imagem abaixo mostra a pirâmide de renda da população (antes da pandemia):

6 em cada 10

vivem com menos de R\$ 1.044/mês

Renda e % da população



— Foto: FGV Social a partir de microdados da PNADC e da PNAD/Covid

Esses dados retratam um pouco do triste quadro social do Brasil, marcado por profundas desigualdades.

É claro que esse é um problema que, para ser resolvido, precisa de ações em diversas frentes, e por parte de vários atores: governo, empresas, fundos, ONGs, sindicatos, sociedade civil.

Entre empresas e fundos de investimentos, que são os espaços por onde o Quintessa mais circula no dia-a-dia, vemos, felizmente, um crescimento constante da importância da pauta ESG. No entanto, enquanto o aspecto Environment (Ambiental) é contemplado por inúmeros compromissos de net-zero e similares, as ações e metas para o aspecto Social, em grande parte, ficam em dois campos: (i) aumentar a

diversidade no quadro de funcionários e (ii) ações de responsabilidade social.

Em relação ao ponto (i), que tem sido o mais amplamente trabalhado, temos profundo respeito por essa pauta, mas nos parece que ela não é suficientemente capaz de dar uma resposta efetiva em um prazo razoável para os indicadores urgentes que trouxemos no início do texto.

Em relação ao ponto (ii), apesar dessas ações serem essenciais para milhões de pessoas impactadas, elas não fazem com que as empresas gerem desenvolvimento social no seu core (atividade principal).

Em suma: na nossa opinião, se as empresas e fundos querem tratar o S com a seriedade que merece, e que precisamos como sociedade, o foco de ação tem que amadurecer.

Onde deveria, então, estar o foco das empresas e dos fundos ESG?

Vamos trazer algumas perguntas que podem parecer óbvias, mas que são complexas de serem trabalhadas, e que acreditamos serem importantes para levar à construção de um S mais maduro e integrado com o crescimento das empresas:

- Qual a pirâmide de salários/hora na sua empresa? E na sua cadeia de valor? Quantas vezes mais ganha a pessoa que mais recebe versus a que menos recebe?
- Qual o tipo de contrato dos trabalhadores na sua cadeia? Garantem direitos essenciais, são intermitentes e/ou "uberizados"?
- Existem instrumentos de governança que garantam a participação dos colaboradores nos rumos da empresa?
- Existe participação nos lucros por parte dos colaboradores? Qual percentual é distribuído? E como funciona a remuneração variável? A riqueza gerada é compartilhada de forma coletiva?
- Há programas de desenvolvimento e valorização dos colaboradores? Existem programas que apoiam que as pessoas possam ascender profissionalmente e desenvolver suas competências técnicas e comportamentais?
- Há valorização das organizações, micro e pequenas empresas que fazem parte da cadeia produtiva? Reflete-se sobre o quanto é uma remuneração justa e que permite o crescimento delas a longo prazo?
- O olhar para o Social está integrado à concepção de novos negócios, no sentido de embasar a inclusão de novos públicos como clientes da empresa e o desenvolvimento de novos produtos e serviços de qualidade que promovam um maior acesso a públicos historicamente excluídos?

Essas nos parecem serem questões que muito influenciam a desigualdade e a concentração de renda, e enfrentá-las é o verdadeiro desafio de quem quer trabalhar ESG com seriedade, indo além de ações pontuais.

Há muito espaço para reflexões que façam com que o S esteja cada vez mais integrado à estratégia das empresas, atuando como uma lente ao formular novos negócios, definir políticas internas e programas de relacionamento externo. A ação dos diversos entes é necessária e acreditamos que quanto mais no "topo" da pirâmide acima descrita estivermos, mais devemos honrar nossos privilégios e poder de ação, colocando eles à serviço de uma sociedade mais digna e generosa para todos.

